

## ...DOMOS PAUPERULAS, CELLULAS ET ECCLESIAS PARVULAS: AS FIDELIDADES DOS PRIMEIROS OBSERVANTES EM PORTUGAL (1392- 1453) A FRANCISCO «ARQUITECTO» OLHADAS AO ESPELHO DOURADO DO SÉCULO XVII

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO – CITCEM

**RESUMO:** Tendo como pano de fundo a problemática em torno da reforma observante em Portugal, nos séculos XIV-XV, perspectivada através de fontes seiscentistas, sobretudo as «crónicas» de Fr. Manuel da Esperança e Fr. Fernando da Soledade, este estudo chama a atenção para o estabelecimento de várias casas franciscanas, ao longo do período em questão, assim como para as características dos lugares escolhidos (quase sempre periféricos em relação aos centros urbanos), realçando a fidelidade às orientações do fundador, Francisco de Assis, que reflectiam a opção por formas de vida muito próximas do eremitismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reformas; Franciscanos Observantes; Portugal; 1392-1453.

**ABSTRACT:** Against the backdrop of the observant reform of Portugal in the XIV-XV centuries, viewed through seventeenth-century sources, especially the "chronicles" of Friar Manuel da Esperança and Friar Fernando da Soledade, this study draws attention to the establishment of several Franciscan houses throughout the period in question, as well as to the characteristics of the chosen places (almost always peripheral to urban centers), emphasizing the fidelity to the guidelines of the founder, Francisco de Assis, which reflected the choice for life forms very close to eremitism.

**KEY-WORDS:** Reforms; Observant Franciscans; Portugal; 1392-1453.

### I

Quando hoje falamos em reformas antes da Reforma, especialmente ao longo dos séculos XIV e XV, deveríamos não esquecer que, de certo modo, poderemos estar a projectar – ou arriscarmo-nos a projectar – 1517 num passado e «tratamos» as reformas como se fossem uma antecipação ou, pelo menos, um conjunto de propostas para a profunda reformação da Igreja de que

se sentia necessidade desde – para a datar de alguma maneira – os meados do século XIV. O que, evidentemente, não quer dizer que muitas das propostas da reforma com e depois de Lutero não tenham levado a cabo – ou tentado levar a cabo – algumas aspirações de reforma medieval<sup>1</sup>. Com a resolução do Grande Cisma (1417 / 1418), o Concílio de Constança propô-la e exigiu que o novo papa, Martinho V, procedesse à «reforma» da Igreja... A reforma que Fr. André Dias propunha em *Gubernaculum Conciliorum* (anterior a 1435) parece-nos espelha muito bem os tópicos *dessa* reformação:

*Ninguém, segundo o Apóstolo, nos poderá ser nocivo, se formos bons observadores da lei evangélica, espíritos zelosos da fé cristã, sobretudo se reformarmos a Igreja de Deus na sua cabeça e nos seus membros, multiplicando os concílios gerais, arguindo a simonia, ambição e tráfico dos benefícios, a sua acumulação, o adultério, o concubinato, a fornicação e a pompa dos clérigos, a tirania dos prelados, a péssima distribuição dos benefícios e outros vícios públicos, quaisquer que sejam, incluindo os maus costumes; instando os clérigos e prelados virtuosos, afáveis e benignos a dirigirem por bons exemplos aqueles que estão debaixo de seus cuidados pastorais, a reformarem assim no temporal como no espiritual os benefícios e igrejas que lhes estão afectos e a neles residirem pessoalmente increpando e, com penas e censuras eclesiásticas, corrigindo e reformando os relaxados e desobedientes, rebeldes, litigiosos e recalcitrantes sem aceção de pessoas<sup>2</sup>...*

Contudo, se algumas das reformas religiosas de carácter eminentemente jurídico levadas a cabo ou propostas em torno desses séculos como as empreendidas por alguns bispos visando a residência dos curas nos seus benefícios ou a assiduidade dos cabidos ao coro, por exemplo, poderiam contar-se, mesmo somando privilégios e excepções para contornar as leis canónicas, entre os itens do esboço de Fr. André Dias, outras, as de algumas ordens religiosas, eram, sobretudo, meios para resolver – o que nem sempre queria dizer sanar – seculares tensões internas que tinham como epicentro a interpretação da vontade dos fundadores – S. Francisco e S. Domingos, por exemplo – plasmada em textos que, como o típico – ou trágico? – caso dos franciscanos, uns interpretavam

<sup>1</sup> Baste-nos aqui remeter para SCHILLING, Heinz – *Martin Luther. Rebelle dans un temps de rupture*. Paris: Salvator, 2014 (1ª ed. alemã: Munich: Verlag C. H. Beck, 2012), p. 263- 264, 451, et passim.

<sup>2</sup> Citamos pela tradução que deste texto oferece DIAS, José S. da Silva – *Correntes de sentimento religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960, I, p. 490. Para outros textos do *Gubernaculum conciliorum* e o seu autor, COSTA, António D. de Sousa – *Mestre André Dias de Escobar, figura ecuménica do século XV*. Roma – Porto: s./e., 1967, continua a ser a referência bibliográfica incontornável.

à letra vincando a *intentio* do seu fundador claramente manifestada no seu Testamento final (1226), e outros interpretavam, por o dizer de algum modo, *ad sensum* amparados na palavra da Igreja – o papa, antes de mais – traduzida esta em textos normativos que, por sua vez, interpretavam ou reinterpretavam, com valor de lei, o projecto fundacional<sup>3</sup>.

Não será violento dizer que foram estas tensões que, com mais ou menos violência, ditaram algumas das reformas das ordens religiosas – dominicanos<sup>4</sup>, franciscanos, eremitas da Serra de Ossa<sup>5</sup>, por exemplo – ao longo dos séculos XIV e XV e que culminaram, no caso dos filhos de Francisco de Assis que é o que nos interessa aqui, com a aceitação – a partir de 1368, com o movimento de Paulo de Trincis<sup>6</sup> – e depois com a institucionalização do movimento de Observância... – aqui, concretamente, na Península Ibérica –, logo depois das observâncias<sup>7</sup>...

## II

Para melhor situar e perceber a representação de Francisco que conlevava a sua concepção das casas e igrejas franciscanas nos diversos projectos de ubicação dos primeiros oratórios e conventos dos observantes portugueses – uma reforma que se introduz em Portugal a partir de 1392 –, talvez não seja ocioso aludir a essa tensão inicial entre os franciscanos que remonta, como é bem sabido,

<sup>3</sup> LAMBERTINI, Roberto; TABARRONI, Andrea – *Dopo Francesco: l'eredità difficile*. Torino: Edizione Gruppo Abele, 1989; RUSCONI, Roberto – *Dalla "questione francescana" alla storia*. In ALBERZONI, Maria Pia, et alii – *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia franciscana*. Torino: Einaudi, 1997, p.339-357, esp. as p. 349-353, dedicadas a examinar «*Regulam spiritualiter observare: un'identità difficile?*».

<sup>4</sup> Para a reformação da Ordem de S. Domingos nestes tempos parece-nos será suficiente recordar as páginas de Fr. Luís de Sousa sobre a fundação da observância dominicana em Benfica in *Segunda parte da História de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*. Lisboa; Typ. do Panorama, 1866, II, 1-9, p. 95 – 141; as consequências, via Itália, desta reformação podem ver-se em BELTRÁN DE HEREDIA, Vicente Beltrán de – *Las corrientes de espiritualidad entre los dominicos de Castilla durante la primera mitad del siglo XVI*. Salamanca: s.l.e., 1941.

<sup>5</sup> FONTES, João Luís Inglês – *Da "Pobre vida" à congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366 - 1510)*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012. Tese de Doutoramento policopiada, estudou com grande apuro crítico e documental esta «reforma».

<sup>6</sup> LISBOA, Fr. Marcos de – *Tercera parte de las Chronicas de la Orden de los frayles menores del seraphico padre San Francisco*. Lisboa: Officina de Pedro Crasbeeck, 1615, I, 1,1-4, p. 1r -3r (Em «Ao Leitor» da edição fac-similada desta obra expusemos as razões de ordem editorial que nos levaram a optar por esta edição em lugar da edição princeps [1557 - 1570]); SENSI, Mario – *Le osservanze francescane nell'Italia centrale*. Roma: Istituto Storico dei Cappucini, 1985, p. 39-73 et passim.

<sup>7</sup> Para estes movimentos franciscanos peninsulares haverá sempre que ter presente, segundo nos parece, AA.VV. – *Introducción a los orígenes de la Observancia en España. Las reformas en los siglos XIV y XV*. A.I.A., números 65-68 (1957); CARVALHO, José Adriano de Freitas – *De l'Observance et des observances de l'Observance à la plénitude de l'Observance au Portugal*. In MEYER, Frédéric; VIALLET, Ludovic (dir.) – *Identités franciscaines à l'âge des reformes*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2005, p. 143-164.

aos dias do seu próprio fundador<sup>8</sup>. Talvez assim nos seja permitido ver como essa tensão conduziu, depois da morte de Francisco e ao longo dos séculos – aqui até ao século XV –, à auto-representação dos dias fundacionais de Rivo Torto e como, no Portugal de finais de Trezentos e das primeiras décadas de Quatrocentos se traduzia, da parte das pequeníssimas comunidades fundadoras da Observância, em factos concretos, especialmente, tanto quanto podemos perceber através das crónicas do século XVII devidas a Fr. Manuel da Esperança e Fr. Fernando da Soledade<sup>9</sup>, na eleição do lugar das fundações das casas e da respectiva construção, sem, claro está, esquecer a forma do hábito e a vexata quaestio dos remendos do mesmo.

Antes, porém, convirá lembrar que hoje sabemos muito mais sobre S. Francisco e seus primeiros companheiros do que os seus frades dos séculos XIV e XV, pois além de dispormos de toda uma ingente e sistemática investigação sobre as «fontes franciscanas»<sup>10</sup>, podemos ultrapassar as dificuldades, então vigentes, resultantes das considerações do que se pode dizer textos «oficiais» – já se escreveu sobre «la suprema officialità» da *Legenda maior* de Boaventura de Bagnoregio – e textos que, desclassificados, depois que o capítulo franciscano de 1266 ordenou a sua destruição e substituição pela *Legenda maior* boaventuriana<sup>11</sup>, circulavam mais ou menos «clandestinamente». Recordemos que apesar de terem sobrevivido vários códices – mais de 20 – da *Vita* de Tomaso de Celano, isto é, da que conhecemos por *Vita prima (1 Celano)* e do *Memoriale in desiderio animae de gestis et verbis sanctissimi patris nostris Francisci* que circula como *Vita secunda (2 Celano)* – mas o que é isto comparado com os 400 códices que possuímos da *Legenda maior*? –, só no século XVIII (1768) se editou *1 Celano* e que *2 Celano* só no século XIX (1803)... O *Tractatus de miraculis Beati Francisci* que fazia parte da *Vita secunda* de Celano, tendo apenas sobrevivido dois códices, só veio a ser editado em 1904<sup>12</sup>. Deste modo,

<sup>8</sup> Sobre esta questão, com importantes orientações bibliográficas, poderá sempre ver-se, MERLO, Grado G. – *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia franciscana*. In ALBERZONI, Maria Pia Alberzoni et alii – *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia franciscana*. Torino: Einaudi, 1997, p. 3-32.

<sup>9</sup> ESPERANÇA, Fr. Manuel da – *Historia Seraphica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco. Segunda parte*. Lisboa: Antonio Craesbeck de Mello, 1656 – 1666 e SOLEDADE, Fr. Fernando – *Historia Seraphica Cronologica da Ordem de S. Francisco da Provincia de Portugal*. Tomo III. Lisboa: Manoel e Joseph Lopes Ferreira, 1705; FARDILHA, Luís de Sá – *Uma introdução à Historia Seraphica...na provincia de Portugal*. In *Quando os frades faziam história. De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos*. Porto: C.I.U.H.E., 2001, p. 103-119, é ainda hoje imprescindível ao abordar esta grande crónica monástica portuguesa.

<sup>10</sup> DALARUN, Jacques – *La malaventura di Francesco d'Assisi. Per un uso storico delle leggende francescane*. Milano: Edizioni Biblioteca Franciscana, 1996, parece-nos permanece um excelente guia destes textos e da sua história.

<sup>11</sup> O mesmo, mas talvez não com o mesmo alcance, se passou entre os dominicanos como estuda CANETTI, Luigi – “*Domini custos*”. *Contributi alla storia di san Domenico nelle fonti agiografiche del XIII secolo*. Sala Baganza: Editoria Tipolitotecnica, 1994.

<sup>12</sup> CAMPAGNOLA, Stanislao da – *Le origini francescane come problema storiografico*. Perugia: Università degli Stu-

em princípio, o que conheciam os primeiros observantes sobre S. Francisco remetia para esse texto maior de S. Boaventura..., para tradições orais dos primeiros companheiros de Francisco que uns quantos textos tinham, algum dia, mais ou menos fixado e que se viam copiados, interpolados e, alguma vez, até reatribuídos... Em muitos destes últimos, com conseqüências trágicas para muitos franciscanos individualmente e para a ordem, um certo radicalismo era de lei... Para a Península Ibérica temos sempre que ter presentes muitos desses textos que, traduzidos, vieram a formar o *Floreto de Sant Francisco* (Sevilla: M. Ungut, e L. Polono, 1492) – *Anonymus perusinus...*, *Speculum perfectionis...*, muito da *Compilatio Assisiensis*, também conhecida por *Legenda perusina...*, da *Legenda trium sociorum...*, do *Actus Beati Francisci...*, algo da *Vita secunda* de Celano..., da *Expositio Regulae* de Ângelo Clareno... e até das *Verba fratris Conradi* [de Ofida]... – que veio a ser uma obra que Fr. Marcos de Lisboa manejou com gosto e perícia como fonte da sua *Crónica*.

2 – Quando, em 1220, in *quodam capitulo*, renuncia, *ad servandam humilitatis sanctae virtutem*, ao cargo de *religione praelationis officium* (2C, 143<sup>13</sup>) que, para ele devia ser, mais do que para ninguém ao longo dos tempos, uma carga, Francisco estaria longe de imaginar que, apesar de todas as suas prevenções, os ministros, talvez já sob a orientação dos frades «letrados»<sup>14</sup>, não estavam a seguir o seu veemente conselho, dado em duras palavras, de *mores non mutare nisi in melius* (2C, 188). Arriscando pelos meandros da sempre difícil cronologia da sua biografia, poderá dizer-se que Francisco o teria já verificado que, em relação à construção das casas da ordem, por exemplo, as suas orientações de sempre estavam ou havia a tentação de as mudar. Efectivamente, se o Assisense talvez já não apelava para um modelo de habitação que se inspirasse estritamente no *tugurius* que, *locus angustissimus [...] ut in eo sedere auto quiescere vix valerent* (1C, 42; LM, IV, 3), que ele e os primeiros companheiros conheceram em Rivo Torto, não deixava, contudo, de instruir os seus frades (*suos*) no sentido de *habitacula pauperula facere, ligneas, nos lapideas*, como recorda Celano (2C, 56) e repete, com precisões de teólogo espiritual e, talvez, «não-precisões» de mais liberal mestre de obras já de outros tempos, Boaventura – *docebat fratres, ut pauperum more pauperulas casas erigerent* (LM, VII, 2)<sup>15</sup>. E como prova de que

di, 1979, p. 124, 125; DALARUN, Jacques – *La malaventura di Francesco d'Assisi. Per un uso storico delle legende francescane*. Ed. cit., p. 69, 91, 161.

<sup>13</sup> Para as «fontes franciscanas» seguimos a lição de MENESTÒ, Enrico; BRUFANI, Stefano (a cura di) – *Fontes Franciscani*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1995.

<sup>14</sup> MERLO, Grado G. – *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia franciscana*. In ALBERZONI, Maria Pia, *et alii* – *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia franciscana*. Ed. cit., p. 10-11.

<sup>15</sup> S. Boaventura, logo no começo do seu generalato (1257), na carta enviada a todos os ministros provinciais (*Licet insufficientiam meam*) recomendava vivamente de acordo com a benemérita tradução de Marcos de Lisboa:

os «costumes» estavam, pelas razões que fossem, a mudar poderemos sempre recordar que, ao parecer em 1221, isto é, no ano seguinte a ter deixado o governo da ordem, Francisco começou a destruir a casa, de telhas e ladrilhos, que, à pressa, estavam a erguer em Porciúncula, como lembra Celano (2C, 57) e, a seu modo, também S. Boaventura (LM, VII,2). É isto, porque temia que *cito expandendum per ordinem, et accipiendum omnibus in exemplum quidquid in loco illo arrogantius videretur* (2C, 57). Como, possivelmente, nunca viremos a saber as leituras, directas ou indirectas, que das fontes franciscanas ditas não-oficiais fizeram os franciscanos observantes portugueses<sup>16</sup>, registemos também desde já que a *Compilatio Assisiensis* – já dita *Legenda de Perusina* –, e no *Speculum perfectionis* podiam ver não só confirmadas, mas ainda bem precisadas aquelas orientações e exemplos aduzidos por T. de Celano e, mais sumariamente, por S. Boaventura. Com efeito, na *Compilatio Assisiensis*, a propósito duma igreja que buscava Francisco para a sua ordem e que veio a ser a semi-arruinada de Santa Maria dos Anjos na Porciúncula, regista-se que desejava *acquirere* [...] *aliquam parvam et pauperulam ecclesiam ubi fratres valeant dicere horas suas e, logo, juxta eam aliquam parvam et pauperulam domum ex luto et vigminibus constructam, ubi fratres possint quiescere et operari suas necessitates*, e que a casa que quis derribar na Porciúncula substituíra *quandam pauperulam et parvam casinam copertam de palea, et parietes erant constructi ex vigminibus et luto* que ele e os seus frades tinham construído (CAss., 56). No *Speculum Perfectionis*, precisando Celano (2C, 56), aponta-se que Francisco *circa mortem suam in testamento suo scribi voluit quod omnes cellae et domus fratrum essent de lignis et luto tantum, ad conservandum melius paupertatem et humilitatem* (SP, 9<sup>17</sup>) – não

«E porque a pobreza he a alta prerogativa de nossa religião, porque esta nobre pérola, vilmente não seja lançada e conculcada dos porcos, así trabalhay [por] cortar a causa dos discursos, e questas, que he a sumptuosidade dos edificios, e dos livros...» (*Parte segunda das chronicas da ordem dos frades menores*. Lisboa, 1562, II, 14, p.47v-49v, que citamos pela edição fac-simile da de Lisboa: Officina de Pedro Crasbeeck, 1615, I, 1, 21, p. 25v.)

<sup>16</sup> A julgar pela muito parcial amostragem que podem fornecer os inventários das bibliotecas franciscanas feitos na sequência da exclausuração (1834), os franciscanos portugueses pouco mais terão conhecido que o *Firmamenta trium ordinum dominis patris B. Francisci* que possuíam os franciscanos de Santo António de Caminha (*Da memória dos livros às bibliotecas da memória – 1 – Inventário da livraria de Santo António de Caminha*. Porto: C.I.U.H.E., 1998, nº 519) e o *Liber conformitatum vitae B. Francisci ad vitam Iesus Christi*, Milão, 1510, de Bartolomeu de Pisa que existia em Santo António de Ponte de Lima (*Da memória dos livros às bibliotecas da memória – 1 – Inventário da livraria de Santo António de Ponte de Lima*, Porto: C.I.U.H.E., 2002, nº 108). Nelas não encontramos, por exemplo, nem o *Florete de Sant Francisco*..., nem *Cantos morales, spirituales, y contemplativo, compuestos por el beato F. Jacopone de Tode, frayle menor*. Lisboa: Francisco Correa, 1576, obra cuidada por Fr. Marcos de Lisboa que mesmo não sendo uma «fonte franciscana» para elas de tantos modos remete. Recordemos, porém, que sempre liam ou ouviam ler as Crónicas de Fr. Marcos de Lisboa em que muitas se encontram ou copiadas ou extractadas e que os inventários então levados a cabo não registaram, amontoando-os, como declaram os inventariadores, em caixotes, centenas de livros «arruinados» ou «sarrapados».

<sup>17</sup> Quase pelas mesmas palavras tais disposições vêm reiteradas na abertura do capítulo 11 do *Speculum perfectionis*: *Quomodo fratres fuerunt sibi contrarii in faciendum loca et aedificia pauperula maxime praelati et scientiati. Cum*

discutamos a glosa das palavras do Testamento (1226) –, o que se repete, em termos muito próximos, no capítulo seguinte: *Postea [fratres] faciant fieri domos pauperculas ex luto et lignis et aliquas cellulas, in quibus fratres aliquando possint orare et laborare pro maiori honestate et vitanda otiositate*. E quanto à construção das igrejas da ordem volta-se a sublinhar no mesmo capítulo que *ecclesias etiam parvas fieri faciant...* (SP, 10<sup>18</sup>).

Todas estas orientações de Francisco passaram, por tradução quase integral, do *Speculum perfectionis*, para o *Floreto de Sant Francisco*, essa grande «compilação» ibérica – porque não dizê-lo assim?<sup>19</sup> – que, no que toca à matéria que aqui nos ocupa, coincide, quase à letra, com a *Compilatio Assisiensis* (56): *Allegandose el tiempo del capitulo general el qual se fazia cada año cerca de Santa Maria de Porciuncula considerando el pueblo de Assis que los frayles se multiplicavan cada dia e como todos venian ay cada año e como no tenian sino una casilla pequeña cubierta de pajas, las paredes de la qual eran de mimbre e lodo*<sup>20</sup>... *Despues fagan fazer casas pobres de barro e de maderos e algunas çeldillas en que los frayles puedan algunas vezes orar e trabajar por mayor onestad e por evitar la ociosidad... E fagan hazer las iglesias pequeñas...* A circulação do *Floreto de Sant Francisco*, manuscrito e impresso, está documentada<sup>21</sup>, sendo suficiente lembrar aqui que Fr. Marcos de Lisboa, na *Primeira parte das Chronicas da Ordem dos frades menores* (Lisboa: J. Blavio, 1557), o utilizou abundantemente<sup>22</sup>.

---

*beatus Franciscus constituissent ut ecclesiae fratrum essent parvae et domus eorum fierent solum ex lignis et luto, in signum sanctae paupertatis et humilitatis, volens hoc incipere reformari in loco Sanctae Mariae de Portiuncula, maxime de domibus constructis ex lignis et luto, ut hoc esset memoriale sempiternum omnibus fratribus praesentibus et futuris...*

<sup>18</sup> *Floreto de Sant Francisco*, Sevilla: Menardo Ungut aleman e Lançalao Polono compañeros, 1492, s.f., Cap. X, p. 36: *De la manera de tomar e edificar lugares segund la intencion de Sant Francisco* < SP, 10 (Utilizamos a ed. fac-símile do *Floreto* com «Nota de Apresentação» de CARVALHO, José Adriano de Freitas. Porto: Publicação do Congresso Internacional «Bartolomeu Dias», 1988, p. 35. Citaremos sempre por esta edição, atualizando as maiúsculas e minúsculas, desdobrando abreviaturas e seguindo a numeração factícia da paginação). Haverá que registar duas edições mais recentes do *Floreto*: *Floreto de San Francisco (Siglo XV)*. Presentación de ABAD PÉREZ, Antón; Transcripción de MARTÍ MAYOR, José; CARDONA RECASENS, Eva; Glosario de BLANCO, Emilio. Madrid: Editorial Cisneros, 1998; ARCELUS ULIBARRENA, Juana Maria – *Floreto de Sant Francisco [Sevilla, 1492]*. *Fontes franciscani*” y literatura en la Península Ibérica y el Nuevo Mundo. Estudio crítico, texto, glosario y notas. Presentación de Enrico Menesò. Madrid: F. U.E./Universidad de Salamanca, 1998.

<sup>19</sup> Convirá igualmente recordar aqui as duas chamadas «compilações de Barcelona» datáveis, a 1ª, da primeira metade do século XIV, e a 2ª, dos começos do século XV, estudadas por CABBELL, Jacques – *Glanes franciscaines. La première compilation de Barcelone*. «A.I.A.», XXIII (1963), p. 65- 91; 391-453; *Glanes franciscaines. La seconde compilation de Barcelone*. «A.I.A.», XXV (1965), p.223-298.

<sup>20</sup> *Floreto de Sant Francisco*. Ed. cit., cap. VII, p. 35: *Como quiso sant Francisco destruir una casa que avia fecho el pueblo de Assis cerca de Santa Maria de Porciuncula* < SP,7.

<sup>21</sup> CARVALHO, José Adriano de Freitas – “*Nobres literas... Ferosmos volumes...*”. *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV. Os traços de união das reformas peninsulares*. Porto: Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 1995.

<sup>22</sup> RUSCONI, Roberto – *Frei Marcos de Lisboa e le “Crónicas de san Francisco”*: un raccogliatore delle memorie storiche e agiografiche del francescanesimo medievale; CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Para a história de um texto e de uma fonte das Crónicas de Fr. Marcos de Lisboa: o Floreto – ou os “Floreto” – de S. Francisco*. In AA.VV. – *Frei Marcos*

Contudo, não é para essa «compilação ibérica» que o grande cronista remete ao tratar, obliquamente, a propósito do «amor e afeição que S. Francisco tinha a probreza», da construção das casas, mas, sim, juntamente com o *De conformite vitae Beati Francisci ad vitam Domini Iesu*, para o capítulo da *Legenda mayor* que atrás citamos<sup>23</sup> – curiosamente as mesmas autoridades para as quais, com um pouco mais de precisão, remeterá Fr. Manuel da Esperança um século depois<sup>24</sup> –, embora, evidentemente, não tenha sido esse texto boaventuriano que forneceu os «modelos» aos «observantes» galegos e portugueses quando ergueram as suas primeiras casas à volta de 1392.

Tendo presente este cenário em que se esboçaram tradições, por vezes polêmicas, de rudimentares arquitecturas e paisagens percebidas por meio de alguns textos que as filtravam, talvez seja legítimo tentar abordar agora como é que tais arquitecturas e paisagens – para não dizer esse S. Francisco que está nos seus fundamentos – se viram projectadas – se representavam –, depois de séculos de tensão entre «comunidade» franciscana e pequenos grupos de franciscanos que hoje, generalizando, gostamos de dizer, abusivamente, «espirituais» e / ou «observantes», nos movimentos observantes nos fins do século XIV e primeira metade do século XV em Portugal. Um modo – *um*, pois sempre poderá haver outros – de aproximação a tal cenário é, parece-nos, procurar observar, através

de Lisboa: cronista franciscano e bispo do Porto. Porto: Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade – Instituto de Cultura Portuguesa, 2002, respectivamente, p. 273-296, e 7-57.

<sup>23</sup> LISBOA, Fr. Marcos de – *Primeira parte das Chronicas da Ordem dos frades menores do seraphico padre sam Francisco, seu instituidor e primeiro ministro geral*. Lisboa: Joannes Blavio de Colonia, 1557, I, 1, 31 (Remetemos para a já citada edição fac-símile da *Primeira parte das Chronicas da Ordem dos frades menores do seraphico padre Sam Francisco*. Lisboa: Officina de Pedro Crasbeeck, 1614, p. 25v.)

<sup>24</sup> ESPERANÇA, Fr. Manuel da – *Historia seráfica da Ordem dos frades menores de S. Francisco na Provincia de Portugal. Primeira parte*. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1656, I, 11, p.68: ao tratar da fundação do convento de Alenquer, em 1216, escreve: «aquelles benditos padres primitivos [...] fundavão os seus conventos, pobres, piquenos, humildes, nos quaes vivião como anjos [...] He verdade que esta traça não podia ser perpetua, porque muitos padroeiros não quizerão regular suas grandezas pelas nossas pouquidades, o concurso da gente pedia grandes igrejas, e a multidão dos frades necessarios pera o serviço dos povos requeria dilatados edificios. E já N.P. S. Francisco, sendo consultado neste ponto por Frei Leão, seu companheiro, disse aquellas palavras tão santas, e tão prudentes: *Tenhão embora os meus frades grandes casas, pois o tempo os obriga; mas quero eu, que nellas guardem a regra, sem offenderem com algum peccado mortal a divina Majestade*. Isto dizia o seu espirito seráfico...». Em nota lateral remete para «Pisan. *Conformit.* 16; Opusc. 8, Franc. tom. 3». Mais adiante (23, p. 96) remete para «S. Bon. *De vita S. Franc.*, c. 7». A citação, um tanto glosada, de Bartolomeu de Pisa vem em *De Conformitate*, Fructus XVI (L. 2, Fruct. IV) (conf. PISA, Fr. Bartholomaeo de – *De Conformitate*.... «Analecta Franciscana», tomos IV, Quaracchi, 1906, p. 106); a referência de S. Boaventura é a de LM, 7,2 que citamos em nosso texto; a citação dos Opúsculos de S. Francisco deverá remeter para uma das «Collationes» – conjunto de 28 práticas de «tipo monástico» de S. Francisco extractadas de várias fontes franciscanas; a «Collatio Quinta», por exemplo, «De Sancta paupertate», é todo um longo trecho de LM, 7, 1-2 onde se lê precisamente: «... *Filius autem hominis non habuit ubi caput suum reclinaret. Propter quod pauperum more pauperulas casulas erigite, quas non habitare debetis ut proprias, sed sicut peregrini et advenae alienas*» (Utilizamos a lição oferecida por *Opusculorum Sancti Francisci Tomus Tertius in Sancti Francisci Assisiatis minorum Patriarchae, Nec non S. Antonii Padovani eiusdem ordinis Opera Omnia Postilis illustrata*.... *Opera et labore R. P. Joannis La Haye*. Parisiis: Apud Carolum Rovillard, 1641, p. 44).

de alguns exemplos maiores, como se foram projectando as novas fundações e como tal projecto, encerrando-o em pequenas «cabanas» ou «tabernáculos» de paupérrimos materiais em lugares «desertos» – com tudo o que a palavra conleva –, actualizava o Francisco que, aí, através delas, delineavam. Conhecemos hoje algo de tal projecto através das crónicas de Fr. Manuel da Esperança e de Fr. Fernando da Soledade, seu continuador, que no-lo transmitem, muitas vezes, em tons superlativos<sup>25</sup>. Não esqueçamos, contudo, que esse tom superlativo, mais que um exagero falsificante, era o único meio de que dispunham para traduzir as dimensões de uma realidade distante de séculos que já mal podiam abarcar, a não ser com a lente da admiração e do afecto embaciada, por vezes, pela nostalgia.

Depois de, resumidamente, elencar as biografias possíveis dos introdutores da observância em Portugal<sup>26</sup> e de se manifestar a favor da precedência fundacional de S. Francisco de Viana do Castelo contra a pretensão de Mosteiró, Fr. Manuel da Esperança, apoiando-se, como fará muitas vezes, nas memórias dessa coluna da observância lusitana que foi Fr. João da Póvoa, dá a «notícia» dos «princípios do convento» da então vila de Viana<sup>27</sup>. Começando pelo lugar onde, «[em] hum monte alto, povoado em muitas partes de arvoredos sylvestres, e muito acomodado pera a vida solitária», havia uma fonte e aí ergueram a sua primeira casa Fr. Gonçalo Marinho e seus companheiros. Era «o edificio de pedras soltas e ramos, tão pequeno e humilde, que toda a casa junta parecia hũa cela». Mesmo estando «hoje despovoado» – o P. Esperança escrevia cerca de 1663 e sabemos que o visitou pessoalmente<sup>28</sup>, como a outros de que se ocupa – «lhe dura o mesmo nome de *cela*». Tal estreiteza e fragilidade terá obrigado «brevemente»

---

25 ESPERANÇA, Fr. Manuel da – *Historia Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal*. Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1656 (1ª Parte); SOLEDADE, Fr. Fernando da – *Historia Seráfica Cronologica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal*. Lisboa: Manoel e Joseph Lopes Ferreira, 1705 (Tomo III). Sobre estas duas crónicas haverá sempre que ter presente o estudo de FARDILHA, Luís de Sá – *Uma introdução à História Seraphica ... na Provincia de Portugal*. In *Quando os frades faziam história. De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos*. Porto: C.I.U.H.E., 2001, p. 103-119.

26 ESPERANÇA, Fr. Manuel da – *Historia Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco. Segunda parte*. Lisboa: Antonio Craesbeek de Mello, 1666, X, 25, p.419-421, completa, naturalmente, as breves indicações sobre os começos da Observância em Portugal que fornece LISBOA, Fr. Marcos de – *Tercera parte de las Chronicas de la Orden de los frayles menores*. Ed. cit. 1,23-24, p. 13r-14r. O grande cronista franciscano dará, depois de tratar da casa de Viana, uma biografia mais completa de Fr. Gonçalo Marinho (Citaremos sempre por ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*, seguido do nº do Livro em romana, o capítulo e a página em árabe. Transcreveremos sempre de acordo com lição da edição que seguimos, ainda que ajustemos à norma actual o uso de maiúsculas e minúsculas).

27 ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 26, p. 422-424.

28 ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 26, p. 423-424: além do desaparecimento de algumas «memórias» sobre o convento deixadas por Fr. João da Póvoa, «Outra perda se acumulou a esta, porque sabendo o mundo como todos os que fora ajuntando o P. Fr. Marcos pera compor a quarta parte das Cronicas estavam neste convento, quando eu aqui mesmo os quiz ver ninguém me deu novas delles».

os frades a procurarem, «mais acima», um lugar mais conveniente, mas sempre «escondido», pois se de «vista larga pera se descobrir o ceo, de poucas partes da cerca se vem as praias do mar, ou as ribeiras do Lima». Resumindo, o cronista confessa que «nã tenho mais que dizer, senão que ficou a casa tão pequena e tão pobre como na idea a traçarão os seus mesmos fundadores, que vinham ressuscitar neste Reino a maior perfeição do estado franciscano». Se não sabemos em que fontes se basearam os fundadores para «idear» a traça da casa, sobre a igreja do convento, que também ainda se conservava quando o cronista andou por Viana, «toda está cheirando a devação», a tal ponto que – diz comovidamente o cronista – «de mi confesso que quando nella entrei, notavelmente se recreou minha alma, apacentando os olhos por aquellas pouquidades, mas grandes delícias do espírito serafico»<sup>29</sup>. Anotemos apenas que «aquellas pouquidades» nos remetem tanto para a pequenez da igreja – tamanho..., labores arquitectónicos ... – como, a confirmá-las, para as recomendações de S. Francisco sobre a construção das igrejas da ordem. E a crítica que imediatamente lança o P. Esperança ao ver «agora», isto é, nos seus dias observantes, «trocar-se tudo» – entenda-se as igrejas e casas pequenas – «em outras casas maiores e suntuosas» – crítica sobre que haveremos de nos interrogar – quase não faz mais que tornar essas «pouquidades» ainda mais pobres e humildes.

Santa Maria de Mosteiró responde ao mesmo modelo. Efectivamente, Fr. Diogo Arias, o seu fundador, e seus companheiros souberam apreciar um lugar que não passava de «hũa mata brava [...] emboscada em deserto na ladeira de hum monte, do qual os olhos descobrem, à banda do Occidente, nas ribeiras do Minho, mas distante hũa legoa, a nossa vila de Valença»<sup>30</sup>. Tudo à roda estava despovoado, sem vizinhança de gente que pudesse apegar-lhe os cuidados do mundo, de que andavão fugindo [...] A solidão do lugar, a espessura das arvores, a subida do monte, tudo isto espertava as saudades do Ceo...». Aí havia, porém, junto de uma fonte, uma ermida dedicada à Virgem Maria que lembrando-lhes a de Porciúncula – a eles ou ao P. Esperança? – pela sua pobreza – «estava aqui tão pobre, que em lugar de telha era colmada de palha» –, cujo «rústico» ermitão, diante do projecto fundacional, logo se prontificou a largá-la<sup>31</sup>... Neste preciso local fundaram a primeira casa («oratório») da qual nada sabemos. O que sabemos é que nesse mesmo ano (1392), por «melhorarem de sítio» começaram a construção do convento – de oratório a convento, um subtil itinerário? – de cujo «edifício não podemos presumir custosa architectura, sendo

---

<sup>29</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 26, p. 424.

<sup>30</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 31, p. 438-439.

<sup>31</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 31, p. 439.

mestra desta obra a santíssima Pobreza, que nos governava a seu modo naquelle dourado tempo». A melhoria de lugar e casa deverá ter sido assinalável, pois, abandonados o oratório, a ermida e a fonte – que ficavam a «hum tiro de pedra» –, tudo se desfez e cremos que o cronista, independentemente dos documentos que possa ter utilizado, reconstruiu a pobreza da nova fundação ao ver que, ao ser restaurado em 1557, o convento não «perdeu muito da sua primeira forma, ou da sua fermosura, que trazia enfeitçada a gente...». Passemos, mais uma vez, outras linhas que Fr. Manuel da Esperança dedica aos «suntuosos edificios de pedras burnidas...»<sup>32</sup>.

É possível que, para esta reconstrução – à sua maneira, arqueológica – da casa de Mosteiró, Fr. Manuel da Esperança se tenha servido do que lhe foi dado contemplar em alguma provável visita que tenha feito ao local. Se a fez, não o declara, contrariando o que faz em outros casos. Um destes é, agora, precisamente, S. Paio do Monte, entre Caminha e Vila Nova de Cerveira. Aí esteve, pela primeira vez, em 2 de Outubro de 1642, quer dizer, 21 anos antes que escrevesse as enlevadas páginas que lhe dedica na sua crónica<sup>33</sup>.

Principiando, como sempre, por lembrar a topografia do lugar – a sua nostalgia dos «dourados tempos» da Observância nunca o leva a imaginar que, nos quase três séculos mediantes entre essas primeiras fundações e os dias em que, historiando-as, nelas medita, a natureza dos sítios (a altura das árvores..., a espessura das matas...) não era, com certeza, exactamente a mesma –, assinala que o terreno escolhido por Fr. Gonçalo Marinho e seu companheiro para a fundação da casa de S. Paio está «quasi assentado no espinhaço d'hum monte, que correndo de Caminha para sima, aqui se levanta mais, coroando-se de penhas, que parece competirem com as nuvens...»<sup>34</sup>. Apenas se lá chega por caminhos «ásperos» serpenteando pelo meio das rochas e «quebrados precipícios»... Na sua frente, dando à Galiza, abre-se «hum precipitado vale...». Apesar de toda esta aspereza que sobrevoavam águias, «he regado este sitio com duas fontes perenes, e cercado de arvoredos sombrios, com que fica muito fresco, porem humido, e exposto ao rigor do inverno...». Existiria já tal «arvoredos» – «os carvalhos altos» para onde trepava para «alta contemplação» Fr. Pedro Díaz, um dos primeiros observantes – em 1392? O lugar seria assim «fresco»? O que sabemos é que em 1642, Fr. Manuel da Esperança, ao visitá-

<sup>32</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 31, p. 441.

<sup>33</sup> «A primeira vez, que cheguei a este sitio, e foi em 2 de Outubro de 1642, quando me vi no meio de hum deserto...» [...] Seria ingratitude deixar eu de referir o que me aconteceu hontem 12 de Fevereiro de 1663, a tempo em que escrevia estas suas maravilhas...» (ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 31, e 36, p. 450 e 457 respectivamente.

<sup>34</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 34, p. 448-449.

lo, viu-se «no meio de hum deserto, sobre despenhados montes, à sombra de um arvoredo tristonho, pizando flores sylvestres, que esmaltavão a terra [...] parecia-me que já estava no Ceo...». Aí construíram logo «húas choupanas de ramos em lugar de dormitório, dando principio a hum convento tão pobre que desvelados alguns guardiães por melhorarem a obra, não excederam até agora os apertos da pobreza...»<sup>35</sup>. À falta confessada de documentação sobre a casa, sabemos que o que viu, em 1642, não foi, evidentemente, as «choupanas» – tê-las-á visto em qualquer compilação de fontes franciscanas, como o *Floreto*, por exemplo? –, mas, sim, «húas casas que representavam mais aposentos de pobres, que morada de gente religiosa», «representação» onde parece voltar a ocorrer, à mistura com ecos de outros textos que assinalámos, o *pauperum more pauperulas casas* com que S. Boaventura (LM, 7,2) resume todas as insistentes recomendações de Francisco – já se aludiu à «ossessione [de Francisco] circa la costruzione rozza che dovrebbe essere quella di un convento»<sup>36</sup> – e todos os reiterativos capítulos de outras fontes que, então, mandou, como se sabe, rejeitar e destruir... É mesmo isto que viu não representava mais que a reconstrução – talvez pudéssemos mesmo falar aqui duma idealização da sua memória –, a partir das «ruínas» em que tinha ficado a casa depois do saque – «não ficou pedra sobre pedra; levarão a telha e a madeira, cortarão as arvores da cerca ...» –, que sofreu à raiz do seu abandono pelos observantes em 1570, ruínas essas a partir das quais a restaurou Fr. António Bravo<sup>37</sup>. A este se viriam a dever essas tais «casas que mais representvão aposentos de pobres, que moradas de religiosos» que viu o P. Esperança, em 1642, tudo idealmente filtrado pelos textos – quaisquer que eles tenham sido: da *Legenda Mayor* aos do *Floreto de Sant Francisco*, do *De conformitate* aos *Opuscula* de S. Francisco – em que se espelhava a perfeição dos tempos de Francisco... Estranhamente, nada nos diz – se mal não lemos – o P. Esperança sobre a igreja, apenas informando que «passados mais de cem anos, quando a igreja se acrecentou de novo» – devia ser ou ser considerada pequena – «foi achado o seu corpo [de Fr. Pedro Díaz] incorrupto»<sup>38</sup>, o que nos sugere as transformações – «as muitas fortunas» – por que foi passando... E, de certo modo, compreende-se o seu silêncio ao sabermos que, em consequência do referido saque, a igreja, apesar de poupada, «em tal estado ficou, que mais parecia hum triste curral, que casa de oração»<sup>39</sup>.

<sup>35</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Senafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 34, p. 449.

<sup>36</sup> DALARUN, Jacques – *La malaventura di Francesco d'Assisi*. Ed. cit., p.106.

<sup>37</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Senafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 35, p. 452-454.

<sup>38</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Senafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 34, p. 450

<sup>39</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Senafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 35, p. 452.

A quarta casa da Observância em Portugal foi Santa Maria da Ínsua<sup>40</sup> que, de certo modo, inaugura a atracção que os observantes portugueses tiveram em construir, quase literalmente, em cima do mar.

Trata-se de uma casa construída, igualmente em 1392, numa ilha na foz do rio Minho e por tal sujeita a todas as inconstâncias do mar e da intempérie e das tempestades como a que a assolou em 1512<sup>41</sup>. E, mais ainda, se não fosse um milagre teriam tido que abandonar o sítio por falta de água doce... A sua solidão absoluta – «o lugar mais solitário e hum daqueles, pera onde o Senhor costuma levar as almas, que faz mais participar nas suas consolações... totalmente separado da conversação do mundo» – era ainda uma terra sem aves em dias do P. Esperança – «hoje» –, porque, «erão tantas antigamente as aves, em particular as que crião na area, que se tomavão às mãos e de sua pena enchião os cabeçaes, porem hoje tem voado daqui todas, e não se acha hum passaro, se não he por maravilha»<sup>42</sup>... Contudo, nesta terra «no meio do mar» havia, com o respectivo ermitão, uma ermida dedicada à Virgem Maria (Santa Maria de Carmes).

Se, mesmo com recurso às fontes franciscanas, apenas podemos imaginar como seriam «os estreitos tabernáculos»<sup>43</sup> – o que estará a traduzir o cronista? – que o fundador da Ínsua, Fr. Diogo Arias, erguera para morada dos frades<sup>44</sup>, o convento – os seus restos que, provavelmente, visitou o cronista – que levantaram depois, «ficou tão lindo, e ajustado com a planta da santa pobreza, que parecia hũa jóia no ornamento da nossa religião». A completa metamorfose datará de cerca de 1471, ano em que Fr. Jorge de Sousa se meteu a «ordenallo em forma religiosa», para o que «acrecentou a capella, fez celas, retelhou a casa toda»<sup>45</sup> e, por obra de Fr. Afonso de Barros que, por suas mãos, a construiu

<sup>40</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 37-40, p. 459-471.

<sup>41</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 37, p. 462.

<sup>42</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 37, p. 460.

<sup>43</sup> JOSÉ, Fr. Pedro de Jesus Maria – *Cronica da santa e real provincia da Imaculada Conceição de Portugal*. Lisboa, 1754, dedica todo um largo capítulo a este convento: «Origem e progresso do real convento de Santa Maria da Ínsua de Caminha» em que o seu fundador, Fr. Diogo Arias, «ideou a obra da casa conforme às máximas da santa pobreza, que mais próprio lhe era o nome de pobre cabana, que convento religioso» ... expressão mais próxima das com que as fontes franciscanas caracterizam as construções segundo a vontade de S. Francisco do que a erudita que lhes aplica o P. Esperança. Há uma edição deste capítulo da Crónica de Fr. Pedro de Jesus Maria José com Introdução e actualização de BUSQUETS DE AGUILAR, Manuel. Lisboa: s./ed., 1965.

<sup>44</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 37, p. 461

<sup>45</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 38, p. 463; Fr. Jorge de Sousa não só restaurou e ampliou o convento, mas também, continua o cronista, «buscou livros pera rezarem no coro», o que é confirmado pelo inventário dos seus livros feito, em 1474, por Fr. João da Póvoa, em que se incluiu «hum Froleto de são Francisco em papel que deu frei Jorge muito vicioso» (conf. CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Nobres letas... Femosos volumes... Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV. Os traços de união das reformas peninsulares*. Porto: C.I.U.H.E., 1995, p. 89-98. A história arquitectural do convento da Ínsua pode ser seguida na ampla investigação que Ana Ramos Assis Pacheco dedicou à arquitectura franciscana a partir da fundação do Varatojo, em 1470: *Construção de um mundo interior. Arquitectura franciscana em Portugal*,

inteira, foi sendo «cingido por hũa parede feita de pedra ensossa». Puseram-lhe ainda «por fora, hũa forte barbacam, que [pudesse] fazer encontro ao impeto das areas, e dos mares»<sup>46</sup>... A sua grandeza pode, de certo modo, avaliar-se pelo facto de ter capacidade para os dez ou doze frades regulares, sendo, porém, que normalmente nele não conseguiam morar mais que dois ou três. Permita-se-nos uma certa ironia, mas os cabeçais de penas que usavam teriam horrorizado, como comodidade demoníaca, S. Francisco... (2C, 64<sup>47</sup>; LM, 5, 2) ..., o que não obistou que o arcebispo Fr. Bartolomeu dos Mártires quando a visitou, em lágrimas, visse «na terra [um] retrato do ceo». De qualquer modo, perante tempestades e ataques de «hereges do Norte e turcos de Argel», a casa da Ínsua foi abandonada em 1618<sup>48</sup>.

O afã fundador dos primeiros observantes em Portugal encontrou agora (1392), em Leça da Palmeira, cerca do Porto, um lugar «agreste» e «deserto» e «inculto» e sem água potável acessível onde, porém, havia uma «pobre ermida» dedicada a S. Clemente edificada sobre a penedia à beira do mar, donde o nome por que era conhecida e por que foi sempre nomeada a casa durante os oitenta e três anos da sua existência. Do edifício conventual nada nos diz Fr. Manuel da Esperança, porque, muito provavelmente, quando escrevia, à volta de 1663, já nada dele existia. E como que a justificar esta nossa sugestão e a consequente mudança da casa, em 1481<sup>49</sup>, para um lugar próximo, dotado agora, em absoluto contraste, de uma natureza amável como de écloga pastoril, escreve que, apesar dos «penhascos» que, a modo de «biombos, ou guarda ventos emparão este tosco descampado», «as ondas, quando mais embravecidas, saltando por cima delles, vinhão alagar a casa e em hũa hora destruíão quanto se tinha obrado em muitos anos inteiros»<sup>50</sup>. Como o cronista não nos faz imaginar a casa, temos que imaginar – o que é fácil perante o que acabamos de ver – a sua fragilidade e a sua pobreza a julgar pelos seus materiais de construção – facilmente destruídos pelas ondas –, pela das alfaias da capela – um sacrário de madeira apenas dourado por fora..., um turíbulo de latão, vestimentas de lã ou linho e «duas ou três d’hũa seda muito velha», «os frontaes do mesmo pano, e o mais rico de fustão» –, da

---

*Índia e Brasil (Sécs. XVI-XVII)*. Coimbra: Universidade de Coimbra/Departamento de Architectura, 2012. Texto policopiado; e em *Eremitérios e claustros, lugares próprios ao recolhimento religioso* (no prelo), importantes trabalhos de que a extrema generosidade da autora me facilitou a leitura.

<sup>46</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Senafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 27, p. 461; 28, p. 464.

<sup>47</sup> CELANO, Tomás de – *Vita secunda*, 64: «Quid ei accidit nocte quadam pro plumeco pulvinari» (*Fontes Franciscani*. Ed. cit., 501-503; conf. LM, 5, 2; CAss., 119).

<sup>48</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Senafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 40, p. 471.

<sup>49</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Senafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 42, p. 477; haverá, cremos, que entender os oitenta e três anos que os observantes «sustentaram a praça de S. Clemente» por referência a 1475, ano em que se começou a tratar da mudança de lugar para a quinta da Granja, depois conhecida por quinta da Conceição.

<sup>50</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Senafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 31, p. 472.

rouparia dos cinco ou seis frades – «treze cubertas de burel, e de picote com quatro mantas da terra estendidas sobre taboas [...] nem havia um lençol na enfermaria [...] e não sofrião os prelados no dormitório, nem hum cabeçal de penna<sup>51</sup>... Pelos vistos, eram estes mais rigorosos que os prelados da Ínsua... Ou conheceriam a reacção de S. Francisco a propósito da almofada de penas que o fizeram usar uma noite?

Mas será sempre misteriosa esta atracção dos primeiros observantes, que não seriam inconscientes dos riscos inerentes, por fundar algumas casas como que em desafio ao mar. Além do convento da foz do rio Minho e do de Matosinhos levantaram ainda, sessenta anos mais tarde, mais um, pelo menos, ao alcance das ondas – S. Bernardino de Atouguia.

Antes, porém, de considerar este último caso, examinemos, ainda que rapidamente, a fundação de algumas outras casas – a casa e não tanto o lugar – nos primeiros tempos da Observância, limitando, porém, em razão da homogeneidade da informação, a nossa observação a alguns outros dos tratados por Fr. Manuel da Esperança – 1402..., 1407..., 1419..., 1423..., 1430..., 1437... – e, como termo *ad quem* da nossa observação, 1440, ano não só da fundação de Santa Cristina de Tentúgal, mas também em que, depois de Gonçalo Marinho, Diogo Arias e Afonso Saco, morre, por último, Pedro de Alamancos, o outro dos primeiros fundadores da reforma observante em Portugal<sup>52</sup>. A nossa aproximação não pretende mais do que ver até que ponto os anos da primeira metade do século XV continuaram, na fidelidade às orientações de seu pai S. Francisco, o «tempo dourado» – é a perspectiva de Esperança e Soledade – das primeiras fundações. S. Bernardino de Atouguia, ainda que fundado muito depois – entre 1451 e 1453 –, servir-nos-á, não tanto para visualizar a continuação – ou a sobrevivência? – dessa fidelidade, mas, sobretudo, para documentar em anos um tanto já tardios, confirmando-a, como tal fidelidade se manifestava, uma vez mais, na arriscada eleição de um lugar fundacional junto de um ribeiro muito perto do mar.

Santo António da Castanheira, cerca de Vila Franca de Xira, foi fundado, provavelmente, em 1402, numa quinta cedida por uns devotos onde havia uma ermida dedicada a Santo António e «hũa fermosa fonte [...], cujas agoas

<sup>51</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 31, p. 473.

<sup>52</sup> Segundo Fr. Manuel da Esperança, depois de 1400 e antes de 1425, tinha morrido Gonçalo Marinho; em 1420, falecera Diogo Arias; em 1440, Pedro de Alamancos; em 1437, Afonso do Saco (*Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 28 p. 429; XI, 13, 550; XI, 10, 541; XI, 13, 551, respectivamente. De Fr. Pedro Díaz lhe faltavam totalmente notícias sobre a sua vida, *id.*, X, 25, p. 420, e Fernando da Soledade, no «Proémio» ao tomo III, p. 37, glosa, à sua maneira, o P. Esperança.

conduzidas dos antigos por argamassas secretas banharão fabricas e figuras curiosas...»<sup>53</sup>. Instalados na quinta «com grandíssimo aperto», quase sem terra e quase sem água, devido a questiúnculas legais e à rapina de muitos vizinhos, «o corpo da casa, [...] naceo acanhado, e humilde, como filho da pobreza [...] Não eram mais naquelle ditoso tempo, que hum estreito albergue de peregrinos e pobres, que caminhavão de passagem pera melhores paizes»<sup>54</sup>. Assim se conservaram aqueles «tabernáculos de santos», pois a casa «nunca ouzou alevantar-se da terra em quanto a criarão a seu peito os primeiros fundadores», até que, dado o concurso da gente que vinha à ermida do santo padroeiro, «foi necessário estender os edificios»... Devido às obras apoiadas por Afonso V († 1481) – para nos situarmos nos limites do século XV<sup>55</sup> –, «de tal modo [começou a ser alterado], na perfeição e grandeza, que [hoje] não parece o que era»<sup>56</sup>. Da primitiva igreja desta casa que, apesar de, canonicamente, poder ser considerada convento, até muito tarde «não acabava de sair do seu estado humilde de oratório», nada informa o P. Esperança, pois os únicos dados que sobre a igreja do convento traz dizem respeito às «magníficas obras» que nela mandou fazer D. Jorge de Ataíde, bispo de Viseu, à volta de 1563.

S. Francisco das Orgens (Viseu) foi fundado numa vinha em que já existia, feito pelo dono desse terreno onde se implantou a casa, em 1407, um arremedo de convento<sup>57</sup>, que os fundadores, com Fr. Pedro de Alamancos à frente, desenvolveram. Como era a casa e a igreja? Não sabemos. Apenas se nos diz que cerca havia, como quase sempre, uma fonte e uma ermida, da invocação esta, então, de S. Domingos, e que só depois de obtida a licença papal para a fundação (1424), começaram os frades as obras. Mas como estas «erão de pobres, sempre ficaram acanhadas, e humildes»<sup>58</sup>. Com a ajuda, porém, de reis, senhores, bispos e simples leigos<sup>59</sup> – como João Afonso de Fraguzela, um ferreiro,

<sup>53</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 2, p. 519; «Agora – deverá, muito provavelmente, entender-se, no tempo em que o cronista escreve – tais «figuras curiosas arrebentão todas em hum tanque de obra bem acabada onde a arte as ajudou a subir»... Talvez seja esta uma «das outras obras insignes» com que D. Jorge de Ataíde, bispo de Viseu, filho do primeiro conde da Castanheira, engrandeceu o convento já em tempos em que este pertencia à província observante de Santo António (id., XI, 2, p. 521).

<sup>54</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 2, p. 520.

<sup>55</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 2, p. 520. «Além de muitas pessoas, se menores no estado, iguaes na devoção», cronologicamente incolocáveis, o cronista aponta ainda João II, a rainha D. Leonor, sua mulher, e João III, mas estes dois últimos pertencem já ao século XVI, em anos em que os aumentos do convento já deveriam estar avançados; no capítulo seguinte particulariza algumas das esmolas reais e de grandes senhores.

<sup>56</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 2, p. 520.

<sup>57</sup> Assim interpretamos a exposição um tanto elíptica de ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 6, p. 530.

<sup>58</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 7, p. 531-532.

<sup>59</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 7 e 8, p. 532-537.

que, em 1532, deixou toda a sua fazenda à casa –, «ficou o convento, depois de acabado, hum dos bons que ouve nesta provincia [de Portugal], porque as casas não tinham ostentação que imitasse os soberbos edificios»<sup>60</sup>. É pouco para a nossa observação de um convento que nasceu e se desenvolveu num sítio onde tudo, a Natureza ajudada pelo trabalho dos frades, «lhe dava certos esmaltes do Paraíso do Ceo», mas nesse pouco, mesmo que idealizados, transparece a fidelidade dos observantes fundadores – por algo o principal era Fr. Pedro de Alamancos – à letra de tantas recomendações de S. Francisco: casa pequena, humilde, sem ostentação... Contudo, também é certo que descobrimos que relativamente depressa começaram aumentos e outras grandezas – pedra de cantaria..., uma torre com o seu relógio..., um dormitório..., uma capela da Imaculada Conceição na igreja..., etc. – que o P. Esperança vai desfiando e que, algumas vezes, como veremos, lastima.

Passemos Santa Catarina da Carnota (Alenquer), com a sua ermida que, durante alguns anos, foi a igreja da casa. Se esta, fundada, em 1408, por Fr. Diogo Arias, sempre ficou tão limitada que, «a seu modo merece também espanto», a ermida era tão pequena que «o coro chegava quasi à porta»<sup>61</sup>. Daí a necessidade de uma igreja para uma casa que, depois de 1415, já tinha claustro «armado» sobre «doze colunas de jaspe que nos trouxe de Seita quando a foi conquistar o rei [...] D. João, às quaes juntamos outras quatro da pedra da terra»<sup>62</sup>. Pelas mesmas datas, ao parecer, «engenhou-se pobrememente hum dormitorio terreo com as demais oficinas e ainda que passado algum tempo se levantou de sobrado não subia tanto da terra que pareça suntuoso, ou levantado no ar...»<sup>63</sup>.

Esta «grandeza» da casa da Carnota – um claustro –, o primeiro que o P. Esperança regista – que diria Fr. Giordano da Giano, ele que, não sabia, quando

<sup>60</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 7, p. 532.

<sup>61</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 12, p. 545

<sup>62</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 12, p. 546. Naturalmente, este claustro e o que depois se levantará no convento da Carnota nada tem a ver com o claustro que exigia S. Francisco na *Regula pro eremitoriis data* (1217-8 / 1221) – ... *et habeant unnum claustrium, in quo unusquisque habeat cellulam suam* [...] *In claustro, ubi morantur non permittant aliquam personam introire necque ibi comedant*... – nada tem a ver com o que, então, nas ordens monásticas e, depois, nas mendicantes se considerava um claustro. Era um espaço aberto onde existiam ou para onde deitavam as celas dos eremitas e, talvez, rodeado de uma sebe, como recomendava Francisco para delimitar o espaço de um convento (Conf.: *Deinde, accepta benedictione ab episcopo, vadant et faciant mitti magnam carbonariam in circuitu terrae quam pro loci aedificatione acceperunt, et ponam ibi bonam sepe[m] pro muro in signum sanctae paupertatis et humilitatis* [SP, 10; CAss., 58] Sublinhado nosso). No *Sacrum commercium* insinua-se o que, dentro dos limites de cada casa, poderia ser o claustro: *Illa [Dama Pobreza] petens sibi claustrium ostendi. Adducentes eam in quodam colle ostenderunt ei totum orbem quem respicere poterant, dicentes: «Hoc est claustrium nostrum, domina (Sacrum commercium sancti Francisci cum domina Paupertatis, 30, que citamos pela lição oferecida por BRUFANI, Stefano – Assisi: Edizioni Porziuncola, 1990, p. 173).*

<sup>63</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 12, p. 546.

foi fundar à Alemanha (Erfurt, 1225), o que era um claustro<sup>64</sup>? – também podia ver-se, pouco depois, na casa levantada, em 1419, junto da ermida de Nossa Senhora das Virtudes (Azambuja). Como era consequência de um voto seu a Santa Maria, o rei Duarte «não fez menos de hum convento inteiro. Podéra ser mais se as nossas coitadisses, que eu tenho por virtudes, não lhe atarão as mãos. Só o claustro na sua capacidade, colunas, e arcos de cantaria mostra a sua grandeza, contudo muito menos que elle desejava»<sup>65</sup>. Não nos interessem aqui as grandezas da cerca, dos pomares, da vinha, da horta e outras grandezas que o P. Esperança tenta desculpar com um *sic transit...*, mas registemos que não parece fosse no texto do *De conformitate* (Fructus XVI), por si citado com glosa (mal) atribuída a Fr. Leão, que encontravam as «coitadisses» dos frades alguma justificação para a magnificência real do rei fundador e de outros que se lhe seguiram e nisso o seguiram.

Em 1423, fundam os observantes o convento de Santa Sita (Tomar), a partir, mais uma vez – ou como sempre? – de uma velha e praticamente abandonada ermida dedica à virgem mártir portuguesa. O cronista não nos informa como era a casa, apenas nos garantindo – ele que lá morou ou lá esteve – que «não levantamos então majestosos edifícios, que podessem competir com os soberbos da terra, senão apoentos pobres...»<sup>66</sup>. E assim deve ter ficado muitos anos até que, vendo o desamparo e «miséria» da casa, D. Manuel e outros soberanos começaram a sua reconstrução. Contudo, se «com isto [tiveram] novo convento assi na disposição com a mudança de algũas oficinas, como na fabrica dellas, mas não creceo em o corpo, antes ficou tão pequeno e humilde como era»<sup>67</sup>. Da igreja, antiga ou moderna, se mal não lemos, nada se nos diz, a não ser que o Venturoso começou por reformar ou por construir a sacristia e a capela-mor...

S. Francisco do Funchal é um caso muito interessante, pois, verdadeiramente, representa o que poderia dizer-se uma dupla fundação: um vago sedeamto num lugar entre o mar – onde viviam em «lapas» – e a serra – habitando as suas «covas» – sem levantar, que se saiba, construção digna do nome de oratório ou, muito menos, de convento, onde se manterão cerca de uma década, e, logo depois, a edificação de um frágil convento.

<sup>64</sup> Conta Giordano da Giano (Cronaca, 43): «Colui, poi, che dai citadini era stato dato ai frati come procuratore, interrogo frate Giordan, se desiderasse che il luogo fosse edificato a forma di chioistro. Questi, che non aveva mai visto chioistri nell'Ordine, ripose: "Non so cosa sia un chioistro: edificateci semplicemente una casa vicino all'acqua, perché possiamo scendere in essa a lavarci i piedi". E così fu fatto» (À falta de um texto latino acessível, utilizamos: Cronaca. Traduzione e note di CABASSI, A. e OLGATI, F. In *Fonti francescane*. Padova: Edizioni Messagero, 1983 [3ª ed.], p. 1995).

<sup>65</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 22, p. 574.

<sup>66</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 33, p. 605.

<sup>67</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 33, p. 606.

Com efeito, em 1430, de acordo com os cálculos de Fr. Manuel da Esperança, chegam, com um Fr. Rogerio, castelhano, que virá a ter um certo relevo em outras fundações, os primeiros observantes – castelhanos, galegos, biscainhos, directamente ou vindos das Canárias –, que «encovados pela serra, conversavão só com Deos». Apoiado em documentos de arquivo, o cronista lembra, exaltando-o, o seu estilo de vida próprio de antigos anacoretas: «Não trazião sandálias, nem tamancos, mas com os pés em todo o rigor descalços pizavão pedras duras [...] Nos seus hábitos não havia já figura que parecesse de frades [...] Entrarão aqui amortalhados num sacco de burel velho, e pobre, não tinhão outro burel com que se remendassem [...] a santa pobreza, logo lhes deparou peles de lobos marinhos, ordinários na ilha, e com ellas cubrirão sua nudez [...]»<sup>68</sup> Se estes Hilariões que não pareciam frades – «e nisto pareciam mais frades» – viviam nesta Tebaida das «covas e lapas» da Ilha da Madeira, outros companheiros havia «que [...] com o mesmo intento erão bons pera o próximo, trabalhando, e cançando pela sua salvação. Discorrião pelos lugares da ilha, que inda que erão poucos, continuavão muitas vezes em Machico [...] pregavão...». Destes últimos, no Funchal, lugar de mais gente, «sempre alguns residirão a pé quedo, porém em casa particular ou pelas casas alheas, e sem forma de convento, que constasse de prelado, e de súbditos...». E assim chegaram, com bulas papais ou sem elas – aqui, como em outros casos, o P. Esperança sempre vai dizendo que a sua falta se devia a que os frades não atentavam em tais detalhes... –, a erguer a casa, o que o cronista calcula ter sido em ou à volta de 1440<sup>69</sup>... Da «figura do convento» – a palavra é do cronista – nada verdadeiramente se nos diz, mas o P. Esperança supõe que nela «se estava declarando, quaes erão os moradores della: gente pobre e humilde, desprezadora das vaidades da terra». Entalado d’hũa parte com hũa rocha quebrada, e da outra com hũa ribeira brava», não nos custa assim supô-lo também, e aceitar que «o convento dizia com a igreja, a qual ainda se vê, tão pobre, e tão estreita, que fazia espertar as saudades do Ceo»<sup>70</sup>. Não nos interessem aqui os casos de tentações diabólicas, suicídios e desesperos de solidão e sentido de desamparo que assaltaram alguns desses primeiros fundadores de S. Francisco do Funchal, nem a peripécias do seu quase abandono do convento, em 1459, o seu regresso e refundação – «quatro celas térreas, melhor dissera choupanas» – no Machico, etc., pois são aspectos que ultrapassam os limites e os objectivos que nos propusemos.

<sup>68</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XII, 12, p. 670-671.

<sup>69</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XII, 12, p. 671-672.

<sup>70</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XII, 12, p. 673-675. A referência ao suicídio de algum frade, por esta época, talvez igualmente sugerida por uma alusão do P. Esperança (id., p. 673), tomámo-la de SILVA, Fernando A. da; MENESES, Carlos A. de – *Elucidário Madeirense*. Funchal, 1966 (3ª ed.), III, p. 15.

Santa Cristina de Tentúgal, nascido à sombra de uma ermida em que se invocava a mártir romana, foi erguido em 1437 e é muito interessante que os seus fundadores – um sacerdote castelhano e um leigo português – tenham logrado que o infante Pedro de Avis – deu o terreno e subvencionou a construção – aceitasse «não [sair] com algũa grande machina que desdisses do nosso estado de pobreza»<sup>71</sup>. E assim ficou «todo o convento – que canonicamente não passava de oratório – térreo, tão humilde e estreito, que nesse particular era hũa maravilha». E a fórmula das exigências «arquitectónicas» do Assisiense – *faciant fieri domos pauperulas* –, mais uma vez traduzida por «humilde e estrito», vem logo completada com outra das suas recomendações – [*faciant fieri*] *aliquas cellulas* –, pois «ainda hoje – escreve o cronista em 1663 – se vem na parede do lado do refeitório os sinaes das portinhas das suas primeiras celas»<sup>72</sup>... Se P. Esperança viu – como é provável que tenha visto – os sinais das portinhas, também deve ter calculado que essas «primeiras celas» eram *cellulae* – celinhas – onde, apesar de tão pequenas «os nossos padres antigos não abafavão dentro»... Deixemos a crítica e anotemos o tamanho da casa ainda tão «Franciscano» em 1437...

Resta-nos examinar a fundação, tardia por referência às primeiras fundações da Observância em Portugal, de S. Bernardino de Atouguia, em 1453. O lugar que lhes foi oferecido, com umas casas em redor de uma fonte, «posto que fosse em terra firme, sem pensão, e risco de se passarem as agoas, ficou o convento tão vizinho a ellas, que da sua estancia se logra a presença do mar»<sup>73</sup>. Talvez tenham os fundadores – «todos testemunhas verdadeyras do admirável rigor em que então florescia o estado de nossa regular Observancia»<sup>74</sup> – habitado essas casas antes de erguerem o convento, mas este, erguido junto de um ribeiro perto do mar, «era tão pobre que mais parecia choupana de passageyros, que domicilio de religiosos». Este esboço geral, que nos remete, muito provavelmente através da *Legenda maior* (7, 1), para as reiteradas exigências de S. Francisco, vem depois um pouco mais concretizado, pois o cronista informa que «ficou a casa [...] quasi toda feyta de adobes, e tão estreita e resumida, que se outras por grandes, e sumptuosas levão as atenções dos homens, esta no extremo de humildade grangeou estimações de hũa rara maravilha». Tanto os materiais de construção como o tamanho da casa nos estão a sugerir que o P. Soledade descrevia o convento como uma dessas *casas pobres de barro e de maderos* com que no *Floreto*

---

<sup>71</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., XII, 5, p. 650.

<sup>72</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., XII, 5, p. 650.

<sup>73</sup> SOLEDADE, Fernando da – *Historia Seráfica... Tomo Terceiro*. Ed. cit., I, 14, p. 78.

<sup>74</sup> SOLEDADE, Fernando da – *Historia Seráfica... Tomo Terceiro*. Ed. cit., I, 14, p. 79.

se traduz o *domos pauperulas ex luto et lignis do Speculum perfectionis* (10), essa bitola literária de tantas fidelidades. Por isso não custa aceitar a informação que sobre ela recebeu o cronista, pois disseram-lhe que «primeyra igreja, [renovava] a memoria da pobreza estreytíssima de nossos padres primitivos», já que era dos mesmos adobes, obrada com pouco custo, e tanta singeleza, que hum algiudar sem fundo, pelo qual entrava a luz do sol, lhe servia de espelho...»<sup>75</sup>. Compreendemos que muitos anos depois, em 1595, perante as tantas vezes que viram a casa e a igreja alagadas, tenham tido de mudar a casa para um lugar mais alto.

Esta evocação dos seus primeiros conventos entre 1392 e 1430 permitiu-nos detectar um denominador comum dessas fundações dos primeiros observantes franciscanos em Portugal ou também em Portugal: a sua localização na periferia muito alargada dos centros urbanos – aldeias, vilas ou pequenas cidades. E isto, certamente, tanto por uma vocação que, antes de mais, reflectia o que havia sido – momentaneamente, se quisermos – uma das vertentes das opções de vida de Francisco de Assis – o eremitismo, sempre manifestado no seu gosto pelos lugares retirados propícios à contemplação em que perpassaria o deserto onde Cristo se retirou (Mt., 4, 2)<sup>76</sup> e que Francisco evocou alguma vez (SP, 9) –, como por circunstâncias que poderíamos dizer temporais: a falta de meios financeiros de quem estava totalmente dependente da esmola..., oposição dos franciscanos claustrais instalados em algumas dessas vilas e cidades, por exemplo. A natureza rude dos penhascos no alto dos montes ou a sombra das altas árvores que tanto sublinharam os seus cronistas ou até a arriscada construção à borda do mar – haverá exemplos em outras províncias franciscanas europeias? – poderiam ter sido, em alguns casos, uma consequência desse periferismo. É, porém, de notar que S. Francisco quando dá as suas orientações para a edificação das casas parece não ter feito exigências sobre o tipo de lugar que, oferecido, deviam aceitar... Concomitantemente, pudemos verificar as fidelidades – de lugar, de pobreza de construção e de arquitectura – às exigências de Francisco de Assis por parte dos iniciadores da reforma observante, seus fundadores, em Portugal. Evidentemente, as nossas fontes, foram as primeiras crónicas dos observantes portugueses da denominada «província de Portugal». Fr. Manuel da Esperança, em muitos casos, viu *in loco* – e soube transmiti-lo – ruínas e vestígios em que descobria, muitas vezes apoiado em memórias e documentos elaborados por

<sup>75</sup> SOLEDADE, Fernando da – *Historia Serafica... Tomo Terceiro*. Ed. cit., I, 15, p. 81.

<sup>76</sup> MERLO, Grado Giovanni – *Tentazioni e costrizioni eremitiche. In Tra eremo e città. Studi su Francesco d'Assisi e sul francescanesimo medievale*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1991, p. 113-130.

quem, de algum modo, ainda tinha alcançado esses tempos – continuemos a ter Fr. João da Póvoa, por exemplo principal –, essas fidelidades às orientações do santo de Assis. E por umas e outros pautou as «pouquidades» das casas..., das igrejas..., das alfaias..., dos móveis..., que traduziu com as palavras – algumas vezes, com fórmulas exactas ou aproximadas com que as «fontes franciscanas» e obras que, com mais ou menos polémica, as elaboraram<sup>77</sup> – difundiam essas orientações: da *Legenda Maior* e do *Speculum perfectionis* ao *De conformitate*, passando por Marcos de Lisboa – e, porque não?, mesmo que não o cite explicitamente – pelo *Floreto de Sant Francisco* em que tantas dessas fontes vêm compiladas. Poderemos, contudo, sempre perguntar-nos se essa «ideia» – a palavra, recordaremos, é do P. Esperança – em que iam os primeiros fundadores observantes traçando os projectos das pobres casas – muitas de ramos, madeira, adobes, pedras soltas... – nos lugares que encontravam ou lhes ofereciam e que o cronista foi arqueologicamente descobrindo, não espelhará a leitura que dessas fontes – quaisquer tenham sido os caminhos por que as alcançou – fez Fr. Manuel da Esperança diante dos vestígios de uma realidade que os fundadores da Observância construíram dadas as limitações de toda a ordem que se impunham – pobreza..., solidões – e lhes eram impostas pelos diversos contextos sociais – falta de materiais..., meios financeiros..., etc. Uma realidade que, ao parecer, ele via estar a alterar-se, em sentido contrário – para pior, claro –, nos seus dias e que já o fundador dos fundadores a tinha igualmente criticado glosando, muitas vezes, o seu próprio conselho aos ministros – *mores non mutare nisi in melius* (2C,188) –, como, por exemplo, quando, depois das recomendações sobre o modo e o tipo de construção das casas, concluía: *Multoties fratres faciunt fieri magna aedificia, rumpendum nostram sanctam paupertatem, in murmurationem et malum exemplum proximorum; et quandoque occasione melioris et sanctioris loci vel maioris concursus populi, propter cupiditatem et avaritiam dimittunt illa loca et aedificia vel destruunt ea et faciunt alia magna et excessiva...* (SP, 10; CAss, 58). Estas considerações críticas, que o P. Esperança, se as não leu em *Floreto de Sant Francisco* quase literalmente traduzidas, leu com certeza na página do *De conformitate* em página que cita e já ficou anotada.

Efectivamente, ao tratar da construção de alguns dos primitivos conventos da Observância em Portugal, Fr. Manuel da Esperança olha ao espelho do «tempo felicíssimo» e da «idade dourada» em que se construía pequeno e pobre o seu «agora» em que, como sugere, as casas franciscanas crescem em tamanho

<sup>77</sup> Teremos sempre de reter como modelo de investigação e, naturalmente, de informação, neste campo, o eruditíssimo estudo de RUSCONI, Roberto – *La tradizione manoscritta delle opere degli spirituali nelle biblioteche dei predicatori e dei conventi dell'Osservanza*. «Picum Seraphicum», XII (1975), p. 63- 137.

e adorno, *magna et excessiva*....

É o que logo acontece ao comentar o que, à falta de qualquer vestígio, se podia presumir da pobreza estreita de Mosteiro levantado «naquelle dourado tempo» em que «a santissima pobreza, nos governava a seu modo...»<sup>78</sup>. E a mesma reflectida comparação precisa-se um pouco mais ao recordar, a propósito do comum zelo e da pobreza dos frades de S. Clemente das Penhas, que «ainda então era estimada delles a seráfica pobreza, que sobre tudo nos fez sempre agradáveis ao mundo»<sup>79</sup>. E apesar do convento de Nossa Senhora das Virtudes lhe mostrar as «grandezas» com que a vontade do rei seu fundador a quis adornar em 1419, o franciscano cronista afirma que «durava ainda o felicíssimo tempo da primitiva Observancia, em que os grandes rigores excediam os limites das nossas obrigações»<sup>80</sup>. Parece evidente que os tempos verbais – nos governava..., era então estimada..., durava ainda... – introduzem a uma mudança – guardemos “mudança” como eufemismo – em que ao longo dos séculos se foi deformando, quer dizer, perdendo a sua primeira forma, a Observância até chegar ao «agora» em que a contempla o seu cronista. Uma simples constatação? Talvez um pouco mais, pois o P. Esperança confronta as construções primitivas desse «felicíssimo tempo» – tão idealizadas quanto se queira – que viu em S. Francisco de Viana – «De mi confesso, que quando nella entrei, notavelmente se recreou minha alma, apacentando os olhos por aquellas pouquidades, mas grandes delicias do espírito seráfico» – com o seu «agora», referido este à construção do novo convento – que, ao parecer, não foi sem polémica<sup>81</sup> –, comenta: «E agora, que estou vendo trocar-se tudo em outras casas maiores e suntuosas, parece que de puro sentimento me estala o coração». E este comentário não se fica por esta simples comparação, pois, logo imediatamente, apostrofa em tom mais crítico: «Que mais queria hum frade de S. Francisco, pois he pobre, e peregrino na terra, que hũa cabana, ainda que mal composta, onde podesse de passagem recolher-se até chegar ao Ceo?». E como que aproveitando a seu favor, mas com alguma restrição que os confirma, os argumentos dos que, pretendendo justificar a construção de novas e maiores casas, criticava S. Francisco – *Ecclesias etiam parvas fieri faciant; non enim debent facere fieri magnas ecclesias causa praedicand populo, nec alia occasione* (SP, 10; CAss, 58) –, continua: «He verdade que o nosso instituto de

<sup>78</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 21, p. 440.

<sup>79</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 41, p. 472.

<sup>80</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., XI, 25, p. 581.

<sup>81</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 26, p. 423: «Sabemos que a vila deu o sítio pera o novo convento, e também ajudaria nas obras se não as fizesse todas. Porem isso nos escondo de proposito quem nesta casa, e noutras reformou a seu modo os memoriaes antigos do grande servo de Deos Fr. João da Povoa. Agora nos falta nestes o espírito, e graça d'aquelle santo varão, e as melhores noticias ficarão também nos seus papeis sepultadas».

acudir à consolação dos povos no que pertence à alma nos obriga a estender as igrejas, e a multiplicar as celas; contudo, em hum deserto, entre penedos e arvores onde o mesmo Autor da Natureza fugio tanto de se mostrar curioso, a pouco custo da Arte se acenderia mais a devação do espírito»<sup>82</sup>. E, por isso, diante do modo com se procedera, a meados do século XVI, em Santa Maria de Mosteiró, pondera: «Nem quando a casa por velha se tornou a restaurar no anno de 1557, perdeu muito da sua primeira forma, ou da sua fermosura, que trazia enfeitçada a gente, porque indo ella desencovar num deserto hũa casa de S. Francisco, não quer ver suntuosos edificios, pedras burnidas, frizos dourados, esculturas curiosas, madeiras de preço, e diferentes na cor, nem cousa algũa que cheire a vaidade. Quer achar hum dormitório limpo, hũas oficinas pobres, e hũa casa, da qual se possa dizer, que nella se agazalha a Serafica Pobreza»<sup>83</sup>. E esta *aurea mediocritas* seráfica que se perfila neste último apontamento crítico, parece ter sido a pauta por que se reformou, algumas vezes, S. Paio do Monte. Com efeito, diante de «hum tão pobre convento», «desvelados alguns guardiães por melhorarem a obra, e a traça do edificio, não excederão até agora os apertos da pobreza. E tenho por cousa certa, que estas paredes desordenadas, e toscas maior abalo farião nas almas, que se contentão com pouco seguindo a Christo crucificado, e pobre, do que outras mais suntuosas, e ricas»<sup>84</sup>. É possível sugerir, sem grande violência – mas as leituras de um autor e consequentes intertextualidades são, como se sabe e termos verificado ao longo destas linhas, uma questão complexa – que Manuel da Esperança estivesse a lembrar-se de – e a aplicar, generalizando-as – algumas das palavras de S. Francisco sobre o que considerava falsas justificações para construir grandes igrejas que, em parte, já recordamos: *Ecclesias etiam parvas fieri faciant; non enim debent facere fieri magnas ecclesias causa praedicand populo, nec alia occasione, quoniam maior humilitas et melius exemplum est cum vadunt ad alias ecclesias ad praedicandum. Et si aliquando praelati et clerici, religiosi vel saeculares, ad loca ipsorum venerint, domus pauperulae, cellulae et ecclesiae parvulae eorum praedicabunt illis, et ipsi aedificabuntur plus de hujusmodi quam de verbis* (SP, 10; CAss, 58). Como já lembramos, se não as leu traduzida no *Floreto de Sant Francisco*, o cronista leu-as na página já também, algumas vezes, citada de Bartolomeu de Pisa.

Fr. Manuel da Esperança, porém, em 1663, não se limita a esta crítica e a sugestão de soluções. Alguns anos antes, a propósito do restauro – do temporal e do espiritual – do convento de Alenquer, em 1399, perante a necessidade

---

<sup>82</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 26, p. 424.

<sup>83</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., X, 31, p. 441.

<sup>84</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Seráfica... Segunda parte*. Ed. cit., I, 11, p. 69.

que antes tinha havido de aumentar e engrandecer a casa, enunciando o tema, indicava já a solução: «É muito melhor nos fora ordenar os conventos em hũa mediania, na qual se visse, como sómente de passagem pouzava nelles gente pobre, cuja vida não tem assento sobre a face da terra, que querer competir na grandeza, e nas riquezas da obra com os príncipes do mundo, que nisto ostentão a sua felicidade»<sup>85</sup>. É uma solução que S. Francisco, a estarmos pelo testemunho de Fr. Leão citado pelo De conformitate, talvez viesse a aceitar...

De qualquer modo, diante da evolução da arquitectura da ordem nos seus dias – e, ao parecer, já de antes<sup>86</sup> –, ao P. Esperança essa *aurea mediocritas* seráfica já teria bastado para lhe causar «saudades do Ceo».

Artigo recebido em 11/06/2016  
Artigo aceite para publicação em 10/10/2016.

---

<sup>85</sup> ESPERANÇA, M. – *Historia Serafica Primeira parte*. Ed. cit., X, 34, p. 449.

<sup>86</sup> Não sabemos se a história da Arquitectura Religiosa em Portugal teve, alguma vez, em conta estas considerações críticas do P. Esperança para datar as transformações – restauros, remodelações, aumentos – de algumas casas franciscanas ou a construção de outras à volta de 1642 – 1663, como parece ser o caso de S. Francisco de Viana.